

Exmo. Senhor Presidente da Comissão Parlamentar de Educação, Ciência e Cultura;

Exmos. Senhores Deputados;

Nesta minha intervenção, no âmbito da apreciação da Petição n.º 439/XII/4.^a, onde solicitam uma intervenção de conservação, reparação e restauro da igreja românica de Serzedelo, em Guimarães, na qualidade de Presidente da Junta de Freguesia e de 1.º peticionário, cumpro-me vir junto de V. Ex.^{as} tentar elaborar uma imagem verbal, o mais real possível de um Monumento Nacional, mas que tem nele plasmado sinais bem evidentes de considerável abandono. Aliás, gostava mesmo de referir que pelo menos 2 pessoas dessa ilustríssima casa, que é a Assembleia da República, já tomaram conhecimento disto no terreno. Uma delas foi a senhora doutora Francisca Almeida, deputada do PSD e a senhora doutora Carla Cruz, deputada da CDU.

Num brevíssimo intróito sobre este valiosíssimo valor material do nosso património, dizer que a igreja de Santa Cristina fica situada na vila de Serzedelo, concelho de Guimarães. Bem na margem da Estrada Nacional que liga Guimarães a Riba de Ave, não passa despercebido este edifício de cariz religioso de longa data, mas poucos são os que sabem a sua história ou param para entrar e visitar.

Apesar de haverem poucos registos bibliográficos sobre a história deste interessante exemplar da arte românica em Portugal, sabe-se que este mosteiro foi construído entre o século XII e XIII sendo um belo espécime do tardo românico que caracteriza o nosso território. Pertenceu aos templários, seguindo-se o convento dos eremitas de Santo Agostinho, passando posteriormente para o poder da Ordem de Cristo.

O mosteiro, no início do século XIX passou a pertencer a uma propriedade particular. Contudo, nos dias de hoje já é um marco histórico-cultural de propriedade pública – Estatal. Estou a cingir-me a um valiosíssimo Monumento Nacional, classificado pelo

Decreto n.º 14 425, DG, I Série, n.º 228 de 15 outubro 1927/ZEP, Portaria, DG 2.ª Série, n.º 226 de 26 setembro 1959 e está dotado de Zona Especial de Proteção.

Acresce à sua importantíssima memória, o facto de se encontrar intimamente ligado a um outro aspecto cultural, este imaterial, mas que possui também ele um interesse relevante para a vila e para o concelho, que é a tradicional Festa das Cruzes. Por alturas do primeiro fim de semana de maio, habitualmente reúnem-se no seu interior algumas famílias serzedelenses, durante o sábado, a fim de assearem as suas cruzes, que fazem parte da Via Lucis do dia seguinte. Este constitui sem sombra de dúvidas um dos momentos em que o mesmo recebe mais visitas, aproveitando precisamente para desfrutar dessa maravilha.

No entanto, este valioso património encontra-se num processo de degradação preocupante, não estando prevista pela Direção Regional da Cultura do Norte qualquer intervenção de conservação, reparação e restauro no próximo biénio. Contudo, a cobertura apresenta anomalias, há deslizamento de telhas, as paredes denotam infiltrações, as pinturas murais do interior encontram-se em estado avançado de deterioração que se agrava, o soalho está em processo de apodrecimento e o espaço exterior necessita de obras e de cuidados que não estão no âmbito das competências da Junta de Freguesia.

A Igreja de Serzedelo e o seu adro acolhem regularmente atividades de carácter religioso e cultural, exposições, convívios e, semanalmente, a catequese com mais de trezentas crianças, divididas por várias classes etárias, pelo que nos preocupa sobremaneira a sua segurança.

Em nome da proteção e valorização de tão relevante património cultural, com especial significado para a população de Serzedelo, e da segurança das pessoas que o visitam e frequentam, se requerer uma inspeção urgente de uma equipa técnica da Secretaria de Estado da Cultura que dê origem a uma intervenção

a curto prazo de conservação, reparação e restauro da Igreja de Serzedelo.

Das intervenções na Igreja Românica (Monumento Nacional Classificado), poderemos referir dois olhares sobre as intervenções que julgamos necessárias: o olhar do “leigo”, outro mais “especializado”.

Num olhar leigo, saltam à vista as seguintes necessidades:

Reparação do telhado (por demais urgente), pois chove no interior da Igreja. Quem olha para o telhado, verifica que já quase não tem cumes a unir as duas águas do mesmo. Fruto disso, as telhas soltas correm/escorregam na direção da zona de circulação de pessoas, maioritariamente crianças na frequência semanal da Catequese Paroquial. Os malefícios da água dentro dos edifícios é de todos conhecido. Aqui, além das madeiras, sofrem também os frescos (cfr infra).

Sendo a Igreja Românica procurada para diferentes celebrações (mormente batizados e matrimónios) como que chove lá dentro é impossível abri-la a estes e outros atos de culto e, em breve, mesmo às visitas que nos procuram.

Da mesma forma, se era nossa vontade recuperar a Igreja Românica para o seu sentido originário, celebrando ali as eucaristias semanais, o seu estado atual não no-lo permitirá, pela falta de condições (de algum conforto, e segurança).

Iluminação exterior: dos vários focos colocados ao nível do solo, que pretendiam destacar o Monumento, acho que não funciona nenhum, e devem ser mais de uma dúzia que ali foram colocados. Investimento perdido/desperdiçado ... Dos que estão nos postes, também era benéfica e urgente uma revisão, uma vez que, alguns deles até água têm no seu interior.

Drenagem das águas pluviais: as grelhas do exterior foram furtadas (eram de metal...).

Drenagem de águas no interior: os caixotões (antigas sepulturas), acumulam água desde 2004, pelo menos. O apodrecimento dos tampos é notório tendo alguns já sido reforçados com uma trave de madeira para sustentação das pessoas que utilizam a Igreja.

Nota: a água que se acumula no seu interior tem culpas repartidas. Deve-se, principalmente, à inundação de 2004, aquando do arranjo urbanístico do adro, projeto da autoria dos Monumentos Nacionais/IGESPAR, e execução da Câmara Municipal de Guimarães. Deve-se, também ao descuido da equipa de limpeza na Igreja Românica. A situação agrava-se porque os caixotões não têm drenagem (que nos apercebamos) para o exterior e, na sua base, aquando da recuperação do Monumento, levaram cimento, pelo que, água que lá entre, não tem por onde sair.

Uma revisão ao estado das madeiras das portas, não desvalorizaria o Monumento.

Num olhar de **peessoas mais credenciadas**, que nos têm visitado (sozinhas ou em visitas de grupo devidamente organizadas):

Frescos: fruto das infiltrações no interior da Igreja Românica, dizem-nos que os frescos estão a deformar-se (a inchar).

Nesta informação coincidiram, pelo menos, duas pessoas: um professor que, com pessoas da área das artes, guiou uma visita de estudo à Igreja Românica de Santa Cristina de Serzedelo; e uma estudante que, orientada pelo recuperador dos frescos, estudava um vírus que teriam os frescos da Igreja Românica de Serzedelo. Da amostra que recolheu para estudo, não temos qualquer conhecimento. Esperamos que não tenha ficado pelo levantamento, mas tenha seguido o seu curso normal e desejável, e chegado a instâncias superiores para solução a breve prazo.

Apesar de já referido acima, relembra-se a falta do sistema de drenagem de águas no interior da Igreja Românica, que poderia ser em espinha, assim nos informaram. Quem no-lo disse, foram pessoas que se deslocaram ao local (do Porto, salvo erro), acompanhadas pelo arqueólogo Francisco Faure, da CM de Guimarães, também responsável pelo acompanhamento do arranjo urbanístico aquando do arranjo do adro e escavações daí recorrentes.

Raúl Peixoto